

O BRASIL DOBROU À DIREITA: UMA SOCIOLOGIA POLÍTICA DO VOTO BOLSONARISTA EM 2018

BRAZIL TURNED RIGHT: A POLITICAL SOCIOLOGY OF THE BOLSONARIST VOTE IN 2018

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 142 p.

Palavras-chave: Eleições presidenciais (Brasil, 2018). Conservadorismo. Extrema-direita. Comportamento eleitoral. Bolsonarismo. Antipetismo.

Saulo Vinicius Souza Barbosa*

“Vertigem” é a palavra que melhor define a sensação causada pela vitória do ultraconservador Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras de 2018. Passados mais de cinco anos de sua eleição, muitos ainda olham atônitos para aquele pleito, em busca de respostas para as questões *como e por que* Bolsonaro tornou-se presidente do Brasil. Em meio a esse debate, ainda bastante acalorado, preche de reducionismos e simplificações, *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*, de Jairo Nicolau (2020), é uma obra sóbria e rigorosa. Indispensável, portanto, à compreensão do fenômeno do

bolsonarismo e de sua ascensão. Por considerar que “a vitória de Bolsonaro é o feito mais impressionante da história das eleições brasileiras” (p. 11), o autor, que é cientista político e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mobiliza sua *expertise* de mais de vinte anos de estudo de sistemas políticos e eleições para entender como *O Brasil dobrou à direita*.

Em sua perspectiva, qualquer um que olhasse para o Brasil no começo de 2018 não teria muita dúvida em classificar a vitória do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, como improvável. Apesar de parecer bem colocado nas pesqui-

* Universidade Federal de Sergipe (UFS), SE, Brasil. E-mail: saulo.vinicius93@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4938-9753>.



sas eleitorais, Bolsonaro era visto como um “cavalo paraguaio” por analistas e políticos brasileiros. Em seu sétimo mandato consecutivo na Câmara Federal, tendo passado por oito partidos, todos ligados ao chamado Centrão, Bolsonaro era um parlamentar de pouca expressividade, “do baixo clero” – como se dizia. Historicamente comprometido com a representação das corporações militares, de onde é originário, ele notabilizou-se nacionalmente pela promoção de uma pauta ultraconservadora. Era visto com reserva pelos seus pares e, para concorrer à presidência, filiou-se a um partido minúsculo – o PSL.

No contexto das eleições de 2018, conforme Nicolau, Bolsonaro não reunia, nenhum dos recursos que, desde a redemocratização, foram decisivos nas eleições presidenciais brasileiras: estrutura partidária, tempo de propaganda eleitoral, alianças partidárias amplas, palanques estaduais por todo o país, dinheiro para a campanha. No entanto, venceu as eleições com folga (48% dos votos válidos no primeiro turno e 55% no segundo turno). Mais que isso, hipertrofiou a minúscula bancada do PSL, que saiu de 1 para 52 deputados. Fora isso, não foram poucos os candidatos de outros partidos que pegaram carona na onda Bolsonaro, no segundo turno, para se eleger. Bolsonaroistas de última hora, como João Dória (PSDB), Romeu Zema (NOVO), Eduardo Leite (PSDB), Wilson Witzel (PSC), para ficar só nos governadores, associaram suas candidaturas à de Bolsonaro e se beneficiaram disso. O autor argumenta que tudo isso ocorreu na contramão de qualquer manual de campanha: não houve, por parte de Bolsonaro, qualquer moderação do seu discurso, qualquer tentativa de ganhar o voto do centro político. Ao contrário, foi o centro que foi ao encontro de Bolsonaro e, por is-

so, pode-se falar de uma clara guinada à direita do eleitorado naquele pleito. Mas, “afinal, quem votou em Bolsonaro?” (p. 17). É essa pergunta que Jairo Nicolau quer responder com seu livro.

Adotando uma abordagem extensamente quantitativa, Nicolau realiza uma sociologia do voto bolsonarista ao traçar o perfil sociodemográfico dos eleitores do PSL e, por contraste, do PT no segundo turno de 2018. Para tanto, utiliza-se principalmente de dois tipos de dados: os macrodados dos resultados oficiais das eleições, divulgados pelo TSE, e do censo populacional do IBGE, que consideram o conjunto da população estudada; e os microdados, baseados em pesquisas amostrais, como as pesquisas eleitorais do Ibope e do DataFolha bem como do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) – *survey* pós-eleitoral realizado desde 2002 pelo CESOP (UNICAMP).

Esse material é analisado, basicamente, através de análises de frequências e regressões logísticas, com a qual o autor analisa a interação de duas variáveis independentes sobre o voto (e.g. como religião e origem regional influenciou o voto em Bolsonaro ou Haddad). Vale destacar que esse procedimento é aplicado a quase todas as variáveis analisadas na obra. Isso possibilita a elaboração de um quadro muito mais nuancado das eleições de 2018, destacando o trabalho em relação aos estudos eleitorais mais tradicionais. Além disso, Nicolau põe suas análises em perspectiva histórica, comparando o voto bolsonarista com o voto no PSDB nas eleições presidenciais de 2010 e 2014, quando os candidatos foram, respectivamente, José Serra e Aécio Neves (ambos derrotados por Dilma Rousseff, do PT). Com isso, ele consegue não só perceber continuidades significativas no eleitorado de direita, mas, sobretudo, apontar rupturas relevan-

tes que permitem diferenciar o bolsonarismo no eleitorado brasileiro.

O formato da obra foge ao estilo acadêmico tradicional, pois, como, ressalta o próprio autor, a intenção do livro é ir além dos muros da academia e do círculo dos especialistas. Nesse sentido, Nicolau (p. 13) caracteriza sua obra como “um ensaio baseado em dados” que combina a escrita em primeira pessoa, análises estatísticas, narração de anedotas e uso frequente de linguagem figurada. O resultado disso é uma obra leve, de linguagem despojada e acessível, dividida em nove capítulos curtos¹ e objetivos, recheados com gráficos e tabelas bastante elucidativos e didáticos.

Os capítulos foram assim distribuídos: o primeiro – “As regras e a evolução da campanha eleitoral” –, analisa dois processos: as mudanças na legislação eleitoral que passaram a vigorar em 2018, tópico que, conforme o autor, muitas vezes foi ignorado pelos analistas, e o desenrolar da campanha dos dois candidatos nos últimos 45 dias que antecederam a votação do segundo turno. Os quatro capítulos seguintes – “A escolaridade”, “Gênero”, “Idade” e “Religião”, nessa ordem –, como se vê, partem de perguntas clássicas dos estudos de comportamento eleitoral e baseiam-se, principalmente, nas pesquisas de opinião do Ibope e do Datafolha.

Dois fenômenos foram extremamente relevantes no pleito de 2018: a atitude do eleitorado em relação ao Partido dos Trabalhadores, e o crescente uso político de mídias sociais. “Petismo e antipetismo”, o sexto capítulo, analisa a relação do eleitorado brasileiro com o PT desde os anos 1990,

a partir de sondagens de opinião. Nicolau mostra que, desde então, o PT consagrou-se o partido com maior identificação entre os eleitores (petismo). Em contrapartida, tornou-se aquele com maior rejeição (antipetismo). Em 2018, segundo o autor, essa divisão ganhou ainda mais relevância. No sétimo capítulo, “As redes sociais”, o tema central é a relação entre voto e uso de mídias sociais. A campanha de Bolsonaro fez uso extensivo dessas plataformas. Nicolau mostra que isso teve um peso relevante no voto bolsonarista, em especial, entre usuários de Facebook e WhatsApp. Nos dois últimos capítulos, Jairo Nicolau reorienta o foco de sua análise: dos indivíduos, passa ao território. Com base nos resultados oficiais das eleições de 2018, o autor escrutina a geografia do voto considerando, primeiramente, “Regiões e estados” e, por fim, os “Municípios”. Neste último, as municipalidades são consideradas em duas dimensões, tamanho populacional e nível de escolaridade.

Apesar de ser uma obra curta (apenas 142 páginas), O Brasil dobrou a direita é extremamente rica em resultados – razão pela qual, opto por deixar à provável leitora ou leitor o convite de conferi-los na íntegra. Destaco apenas alguns dos que julgo mais importantes. Em primeiro lugar, Jairo Nicolau mostra que Bolsonaro quebrou um padrão histórico de vitórias que pautaram as eleições presidenciais desde a redemocratização; venceu com pouco tempo de TV e rádio, sem apoio de palanques estaduais e gastando pouco mais que um candidato eleito para o cargo de deputado federal. Em segundo lugar, a televisão deixou de ser o recurso mais importante na disseminação

1. Salvo o primeiro capítulo, que faz um histórico das regras eleitorais, cada capítulo compreende em torno de dez páginas. Além dos nove capítulos centrais, o livro é composto de introdução, considerações finais e um brevíssimo anexo metodológico.

de uma candidatura presidencial, dando lugar às mídias sociais, especialmente ao Facebook e ao WhatsApp. Outros dois resultados importantes têm a ver com gênero e religião: Bolsonaro teve voto de 70% dos evangélicos (segmento que já esteve com o PT) e da maioria dos homens, independentemente do nível de escolaridade. Até então, como o autor demonstra, o gênero não era uma variável que distinguia o eleitor do PT de do PSDB.

No quesito escolaridade, Bolsonaro venceu em todos os níveis, do fundamental ao superior. Houve, aqui, como mostra o autor, uma inversão de um padrão de votação observado em 2010 e 2014, onde o PT dominou os segmentos menos escolarizados (fundamental e médio) e o PSDB, os eleitores com ensino superior. Tal constatação é importante porque houve um aumento do relativo das frações mais escolarizadas do eleitorado, que está relacionado com a expansão do ensino médio e do superior operadas pelos governos do PT. No entanto, esse eleitor, na medida em que se escolarizou, descolou-se do PT. Por quê? É uma questão a ser investigada. Para finalizar, o livro de Jairo Nicolau aponta ainda uma relação entre bolsonarismo e urbanização. Como constata o autor, Bolsonaro venceu em municípios mais populosos e mais escolarizados, principalmente na região Sudeste. Haddad, por sua vez, predominou em cidades menos populosas e menos escolarizadas, sobretudo no Nordeste.

Esse e os demais resultados que o livro traz nos dão a ideia de que a vitória de Bolsonaro em 2018 não pode ser explicada por uma lógica de causalidade estreita. A simultaneidade de processos que envolveram as eleições de 2018, que Nicolau nos apresen-

ta, requer que pensemos em termos daquilo que Becker (2008, p. 90-95) chama de “causalidade multiplicativa”. Nessa perspectiva, o pleito de 2018 deve ser analisado a partir das relações entre um conjunto de variáveis consideradas independentes e que, combinadas, viabilizaram a vitória de Bolsonaro. Não se trata, portanto, de se estabelecer porque isso necessariamente aconteceu, mas como foi que se tornou possível.

O Brasil dobrou à direita constitui um excelente ponto de partida para tanto. É fato que Jairo Nicolau nos mostra muito bem quem foram os eleitores de Bolsonaro em 2018. Ainda assim, há dimensões importantes a serem entendidas. Por basear-se, como vimos, em dados oficiais e pesquisas de opinião, o trabalho tem como limite a disponibilidade e a consistência desse material. É notável, nesse sentido, a ausência de capítulos relativos à renda e à identidade étnico-racial, que ocorre, segundo o autor, devido a inconsistências nos dados relativos a essas duas variáveis. Menos que um problema, isso apenas coloca um limite – perfeitamente justificável, saliente-se. Para usar uma metáfora evocada pelo próprio autor, o livro procura entender o voto bolsonarista apenas aonde a luz desses dados ilumina bem.

Não obstante, a eleição de 2018 é uma rua permeada de muitas zonas de escuridão e penumbra. É preciso que pesquisadoras e pesquisadores se aventurem nessas sendas munidos de outras abordagens e técnicas de pesquisa que, deixando emergir o “ponto de vista do nativo”, possibilite compreender o bolsonarismo² em seus próprios termos. Isso, é claro, sem deixar de olhar para a *big picture* apresentada por Nicolau. Somente com essa dialética de luz e sombra, poderemos tornar cada vez mais inteligível

2. Ou, o que acredito ser mais provável, os bolsonarismos.

o que aconteceu em 2018 e, talvez, expurgamos a sensação de vertigem que ainda vivenciamos.

Referências

BECKER, Howard. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NICOLAU, Jairo. O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 142 p.

Recebido em: 15/02/2022
Aprovado em: 12/01/2023

